

O poder dos caciques políticos entra em cena

■ Repleto de pesos-pesados da política nacional, o Senado terá participação decisiva na aprovação das reformas constitucionais

DANIELLA SHOLL

BRASÍLIA — O Senado que assume na próxima quarta-feira representa para o governo muito mais que 81 votos. Consciente de que a safra que chega traz para a cena do Congresso pesos-pesados da política nacional e regional, com poder suficiente para que suas influências ultrapassem os tapetes azuis da Casa e cheguem aos verdes da Câmara, o presidente Fernando Henrique Cardoso enxerga no novo Senado um poderoso aliado na obtenção da difícil base parlamentar para fazer a reforma constitucional que pretende.

“O Senado será o palco dos grandes debates políticos e de lá é que sairão as reformas”, aposta o ministro da Justiça, Nelson Jobim. Ele lembra que, além de o governo ter maioria segura no Senado para as reformas (68 dos 81 senadores seriam aliados nas mudanças da Constituição), os caciques lá representados são bem articulados, controlam bancadas e influenciam parlamentares até de outros estados.

Poderosos — Entre os 54 senadores que assumem seus mandatos dia 1º, nove se reelegeram, mas boa parte dos 45 que chegam são velhos conhecidos da política nacional: nomes como Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), Iris Rezende (PMDB-GO), Jader Barbalho (PMDB-PA), Ronaldo Cunha Lima (PMDB-PB), José Agripino Maia (PFL-RN), Roberto Requião (PMDB-PR) — todos deixaram de ser governadores no ano passado. Isso sem contar com os tentáculos do político maranhense José Sarney, ex-presidente, senador pelo PMDB do Amapá e pai da atual governadora do Maranhão, Roseana (PFL).

“Sarney sempre teve enorme influência na Câmara. Ele tem amigos em todos os estados, que lhe devem gratidão”, afirma o deputado não reeleito Roberto Cardoso Alves (PTB-SP), um dos votos da bancada do Sarney na Câmara que está deixando o Congresso. Conhe-

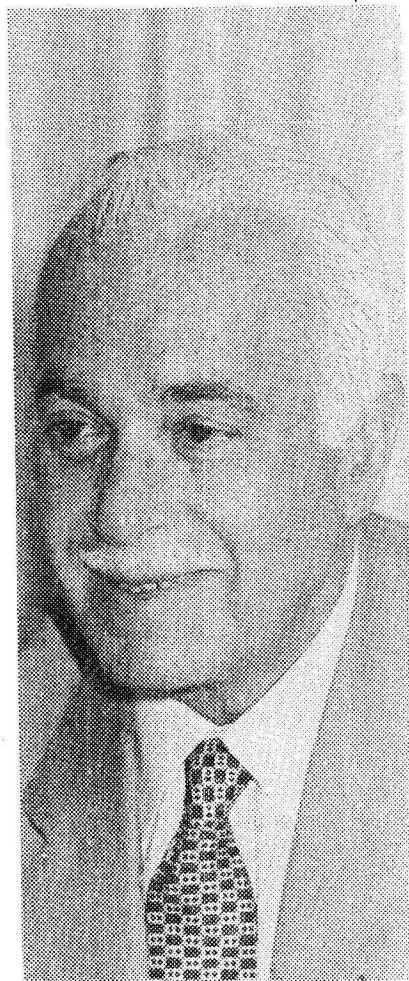
cedor do mecanismo de influência de uma casa para a outra, ele assegura: “Esses ex-governadores e ex-ministros têm grande influência em seus estados e entre as pessoas que já ajudaram. Há muito não se via Senado bom assim”.

Se os votos desses caciques fossem medidos apenas pelos deputados aliados nas bancadas de seus estados, só os senadores José Sarney, Antônio Carlos Magalhães, Iris Rezende, Jader Barbalho, Agripino Maia e Ronaldo Cunha Lima teriam, juntos, 68 deputados sobre quem exercem, no mínimo, uma forte influência. Número que representaria hoje a terceira maior bancada da Câmara, na frente do PSDB, que tem 62 deputados.

Tentáculos — No caso de Sarney, são contados dois estados, Maranhão e Amapá, onde ele teria 20 aliados influenciáveis na Câmara. ACM, senhor absoluto da Bahia, com influência sobre pelo menos 19 deputados baianos, além de pai do virtual presidente da Câmara, Luís Eduardo, ainda acumula amizades da época em que era ministro das Comunicações. Ele e Sarney somam um dos maiores cacifes de aliados fiéis entre deputados: 39, uma bancada maior que a do PP, que tem 36 parlamentares na Câmara. O deputado Delfim Netto (PPR-SP), amigo de ambos, diz que ACM e Sarney “negociam como pessoas jurídicas”.

Iris Resende, em Goiás, controla a bancada de sete deputados do PMDB goiano. Ronaldo Cunha Lima, com o colega Humberto Lucena, que se livrou da cassação, influenciam oito dos 12 deputados eleitos pelo PMDB da Paraíba. João Agripino tem seis aliados no Rio Grande do Norte e Jader Barbalho conta com oito no Pará.

O ex-governador do Paraná, Roberto Requião, no entanto, nega a influência dos caciques: “Os políticos são eleitos pelo povo e votam de acordo com sua consciência”, garante.



Antônio Carlos: “pessoa jurídica”

Arquivo